

Banco Mundial muda de política. Para nos ajudar.

O Banco Mundial deu um passo importante na liberalização de sua política de crédito, ao anunciar a aprovação de quatro operações no valor de US\$ 600 milhões para obras do Peru, Brasil, México e Colômbia. Com as contrapartidas e créditos de outras fontes, as operações representam uma movimentação de US\$ 1,25 bilhão, em setores vitais de obras públicas.

Com essa injeção de capitais — a primeira desse tipo em muitos anos —, o banco marca o abandono da política de redução dos gastos públicos, que vinha seguindo ao acompanhar a estratégia deflacionária do Fundo Monetário Internacional, para o ajuste das economias em desenvolvimento.

As obras vão desde a dotação de novos serviços sanitários para São Paulo, à modernização do porto de Lázaro Cárdenas, no México, obras sociais em bairros novos de Lima, no Peru, e a eletrificação do norte de Medellín, na Colômbia.

Temeroso de que os crescentes problemas econômicos do Terceiro Mundo possam tornar-se incontrolláveis, o Banco Mundial contempla profundas mudanças na forma de ajudar os países em desenvolvimento, segundo um importante funcionário da instituição.

Entre as opções que estão sendo examinadas, uma propõe a formação de um banco subsidiário, similar a um banco comercial, que colocará maiores recursos à disposição daqueles países do que os fundos geralmente oferecidos pelo Banco Mundial.

Outra medida seria a concessão de empréstimos de ajuste econômico a médio prazo, que complementariam a assistência a curto prazo, dada pelo FMI, para ajudar o balanço de pagamentos. Estudam-se também novos enfoques para cooperação mais estreita entre o Banco Mundial e os bancos comerciais e para fixar condições diferentes aos países que se candidatam à assistência.

Alguns funcionários do banco, entretanto, alertaram que a Casa Branca poderá não gostar da idéia de colocar a instituição a serviço de empréstimos de reajuste econômico, que têm sido há muito tempo terreno exclusivo do FMI.